

ESTUDOS II – A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder

Everaldo Soares Junior

Esse trabalho é uma versão inicial de leitura e debates, alguns aspectos do escrito de Lacan *A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder*.

Um sonho

Há alguns anos atrás, ouvi de um analisante o seguinte sonho: “sonhei que subia num ônibus muito cheio de gente, na avenida Epiácio Pessoa, e que me sentava perto do motorista, que era você. O trânsito da avenida era muito intenso e você dirigia o ônibus com cuidado, passando outros veículos e outras pessoas. Parava de vez em quando, mas sua atenção era voltada para o tráfego e não olhava nenhuma vez para mim. Eu estava numa cadeira próxima a você, com um saco nas mãos e retirava objetos que procurava lhe mostrar: uma boneca, um retrato que não sei de quem era, um vestido branco bordado e uns outros objetos mais que não conseguia identificar. Acordei com uma angústia muito grande e não sei o que quer dizer esse sonho”.

Na sessão seguinte, voltou a falar-me do sonho: “acho que aquele sonho da semana passada tem a ver com minha análise. Você não fala, mas presta sempre atenção ao que eu digo”.

1. A Fala e o Escrito - Conversa Introdutória

Nos seus seminários, Lacan falava, trazia para esses momentos os seus estudos exaustivos sobre um tema escolhido. Trazia também as suas anotações e proferia, com sua voz e sua fala, o percurso desse tema.

Encontrei, no Seminário XIX, uma reflexão de Lacan sobre esse momento. Pensar o pensamento e articulá-lo ao impensável é possível, pela fala. Esse impensável, que faz a articulação, é a estrutura do inconsciente, enquanto linguagem. A fala percorre os caminhos da memória, encontra-se com suas lembranças – lembranças encobridoras, como diria Freud. Mas, vai mais além. A fala também faz enunciados, enunciações do desejo inconsciente, como os atos falhos, a palavra espirituosa, por exemplo. Então, na fala, se subentende nela, o desejo do sujeito. A fala se endereça ao campo da escritura inconsciente, a fala é singular.

Lacan faz alguns percursos sobre o tema, sobre os conhecimentos afins, sobre outras áreas. Algumas vezes, ele é enfático; outras, é irônico; a maioria das vezes ele

é polêmico. Mas, em dado momento, depois de percorrer todo esse trâmite da memória sobre o tema apresentado, ele mostra uma clareza impressionante.

A fala é singular e Lacan, a partir dessa singularidade, constrói um estilo. A fala é endereçada a uma escritura inconsciente. O escrito *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* foi apresentado por Lacan, pela primeira vez, em Royaumont, em um colóquio patrocinado pela Sociedade Psicanalítica Francesa, em 1958, e, nesse mesmo ano, é publicado na revista *La Psychanalyse*.

Nessa época, partindo de seus rabiscos, Lacan inicia a construção do grafo do desejo, preparando-se para proferir alguns outros seminários, como *A transferência e a ética do desejo* e, entre os escritos, o que vem após *A direção do tratamento* é *A subversão do sujeito e a dialética do desejo*. O escrito de Lacan, esse que nos debruçamos na leitura e nos debates, é bastante denso. Procura uma transmissibilidade em seus conceitos, chegando a ser árido, e, muitas vezes, metafórico; mas essas metáforas usadas por Lacan aproximam o leitor dos seus achados e de sua transmissibilidade. O escrito procura uma precisão, ele circunscribe o impossível e demonstra as impossibilidades em uma conceitualização. No seu caminho, o escrito, ao meu ver, procura uma precisão matemática na transmissão universal desses achados da clínica analítica.

O escrito se aproxima do grafo, aproxima-se do matema, de uma lógica e de uma topologia, recursos usados por Lacan, na tentativa de demonstrar seus achados clínicos. O escrito *A direção do tratamento* é um escrito técnico-teórico, ele dá uma impressão de aridez, mas o teórico e o técnico vêm da clínica e marcam o que se passa com a atenção do analista e com as associações do analisante.

2. O Analista na Berlinda – o \mathcal{A} (grande outro barrado), lugar da falta e da fala.

No início do artigo, Lacan traz alguns conceitos que eu gostaria de refletir um pouco sobre eles: “*na economia do processo analítico, há um capital. O analisante paga a sua cota com o seu falar livremente. O analista paga a sua cota com a sua pessoa e com o seu dizer*”. Com a sua pessoa porque ele empresta ao trâmite transferencial do discurso que se faz na análise, a sua pessoa. O analista coloca-se na posição da falta-a-ser.

A escuta é, nesse campo da falta-a-ser onde o deslizamento da fala leva à metonímia dos desejos, uma estratégia do analista. É uma estratégia na qual ele está preso. O analista também paga com sua tática, talvez menos que uma estratégia, mas uma tática do dizer, e o dizer do analista se endereça ao discurso. É o discurso que se faz na análise entre o falar livremente e a escuta do analista na sua falta-a-ser. Esse discurso é um fenômeno, ele traz suas instâncias indeléveis e inefáveis e traz também suas instâncias fantasmáticas em construção. O dizer do analista e sua tática se endereçam a ele. O discurso é a materialidade do trabalho do analista. Mas não se endereça a ele como uma intervenção do saber, de uma convicção, e, sim, no sentido do campo simbólico, fazendo uma construção inacabada, provável passagem do sujeito ao desejo, à cadeia do significante, onde ele se encontra a-sujeitado e des-

substancializado. Essa interpretação é uma construção inacabada porque tende a se prolongar na fala do analisando.

É no campo da fala onde a experiência de repetições, de desejos difíceis de ser anunciados, acontece. A fala leva à falta do Outro, a fala leva essa escritura desejante e encontra aí a castração no Outro.

Mas o analista não tem todas as imunidades e muito menos uma imunidade perene. O analista pode também se preocupar com o seu ser. Também pode se preocupar com a conduta e a realidade do sujeito analisante. Enquanto se preocupa com ele mesmo, mais inseguro está de suas intervenções no seu trabalho. É aí, nesse momento, que muitas vezes acontece a resistência egóica, a qual, enquanto dificuldades no falar, aparece do lado do analista, na sua escuta, ser do analista.

Freud vai dizer, desde o início, que a resistência é tudo o que faz obstáculo ao prosseguimento da análise, a falta(a)ser. Lacan vai dizer que a resistência acontece na prática. E mais, aparece do lado do analista. Preocupado consigo mesmo, vem à cena o eu do analista, lugar de identificações, embora ilusoriamente forte, são marcas de demandas maternas ao *infans*, que responde imperiosamente. É construída aí uma compreensão. Essa compreensão força a falta(a)ser, obscurecendo a escuta, e destina-se a uma intervenção, agora dirigida à conduta e à realidade do analisante. Aí essa intervenção toma caráter sugestivo, marcando a realidade desse sujeito, cuja conduta é uma reeducação emocional, é uma revivescência, não é uma construção analítica. A construção se faz a partir de inscrições de significantes, formando um novo laço social.

A sugestão, a compreensão, o ser do analista, a realidade do analisante, têm a mesma substância transferencial do campo do imaginário na busca de suas identificações. As preocupações do analista consigo mesmo e com o outro são chamadas por Lacan de *primo vivere*, primeiro viver.

A pessoa do analista é uma oferta à fala, é a demanda, enquanto demanda de amor. Se o analista responde, essa demanda traz a mesma textura do primeiro viver, *do primo vivere* – que está do lado do ser. Essa demanda é, antes de tudo, demanda de amor.

A realidade do sujeito é o lugar imediato ao aporte da fantasia. A demanda de amor, a resposta de amor à fantasia, a sugestão, a compreensibilidade, são constituídos da mesma substância, a transferência.

A contratransferência é um conceito usado por alguns psicanalistas, até hoje. Em sua realidade, a contratransferência é uma soma de preconceitos existentes no ser do analista. Evocá-los seria um ato ilusório para a compreensibilidade do que se passa no analisante.

Não responder a essa demanda, ser ingrato com esse amor, possibilita as grandes dificuldades da inscrição de desejos inaceitáveis.

A falta-a-ser, a causa do desejo, o pequeno a, está colocada num lugar que chamaríamos de real, um lugar indizível, um lugar onde não há linguagem, não há também imagens – lugar da pulsão de morte, campo das insistências, da repetição. Nesse momento, a experiência de análise traz dificuldades no falar livremente e também no suportar a escuta. A transferência é agora um campo pulsional.

Se do lado do ser é o viver, do lado da falta-a-ser é a morte. Não a morte biológica, é claro, mas a morte enquanto um operador que faz a passagem do ser falado ao ser falante. O ser falante é marcado pela morte.

Depois dos 70 anos, em uma entrevista a um jornalista, Freud dizia: “O verdadeiro companheiro do amor é a morte”. O ódio, por exemplo, muitas vezes é a resposta para a presentificação do amor por algum recurso como o da recusa, como também do desejo insatisfeito. O companheiro do amor é a morte, a nossa vivência se faz aí.

Lembrei-me também da cena de um filme bastante conhecido – o filme de Glauber Rocha *Deus e o Diabo na Terra do Sol* – uma cena que se passa na aridez do sertão desertificado onde, do horizonte, surge um cego mensageiro, contador de histórias do lugar, que se dirige à presença de Antônio das Mortes e fala mais ou menos assim: — “Por que tanta desgraça, Seu Antônio? Por que tantas mortes?” E responde Antônio das Mortes: — “eu não quero que ninguém entenda nada da minha pessoa não, vou cumprir com o meu destino, sem pena e pensamento”.

Everaldo Soares Junior
Recife, maio/2003